

OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELAS TRABALHADORAS DA OLARIA ARTESANAL DO POVOADO PAU D'ONÇA EM ITABAIANINHA-SE

Maria Beatriz de Jesus Silva (1); Gabriela Lima dos Santos (1); Jaldemir Santana Batista (3);
Felippe Pessoa de Melo (4)

Centro Universitário-AGES, beatrizsilva_geografia@hotmail.com; Centro Universitário-AGES,
gabrielaluniages@hotmail.com; Centro Universitário-AGES, jaldemirbatista@hotmail.com; Centro
Universitário-AGES, felippemelo@hotmail.com

Resumo: A presente pesquisa que tem por objeto de estudo a olaria artesanal do povoado Pau D'onça localizada no município de Itabaianinha-SE, teve como objetivo analisar os desafios enfrentados pelas trabalhadoras do local, haja vista que compreendendo o atual cenário mundial sobre o qual o sistema capitalista age de forma incisiva, tornou-se cada vez mais raro o desenvolvimento da produção artesanal, o que tem sido um desafio para os indivíduos que dependem e necessitam economicamente da continuidade dessa cultura. A pesquisa transcorreu por meio do método de análise de Libault (1971), o qual contribuiu de forma positiva para a realização da mesma. Com base nas informações obtidas através de leituras prévias bem como a catalogação de dados in loco foi possível analisar que a produção de artesanato muito tem a ver com o desenvolvimento do trabalho feminino. Para, além disso, ainda cabe destacar que os desafios encontrados pelas trabalhadoras da olaria artesanal de Pau D'onça são desencadeados pela desvalorização do trabalho feminino como também pela pouca importância dada a produção artesanal.

Palavras-chave: olaria artesanal, trabalho feminino, desigualdade de gênero.

Introdução

Durante muitos anos as mulheres foram tidas apenas como cuidadoras do lar, mas com o passar do tempo as necessidades econômicas bem como do próprio mercado serviram de impulso para que as mesmas passassem a adentrar no comércio ocupando novos espaços.

A participação das mulheres no mercado de trabalho se iniciou tardiamente tendo como destaque dois momentos históricos: as guerras mundiais e a Revolução Industrial. Primeiramente porque os homens iam para os campos de batalhas e as mulheres que ocupavam seus lugares no mercado e posteriormente devido a necessidade de mão-de-obra no mesmo. No entanto, cabe salientar que até os mencionados momentos cabiam a elas participação apenas nos espaços domésticos (SILVA, 2014).

Compreendendo tal contexto é possível destacar que a divisão social do trabalho se deu por meio das diferenças de gênero, visto que historicamente de forma contínua os homens ocuparam os melhores cargos do mercado e as mulheres apenas aqueles ligados aos afazeres familiares e sem muita importância para a lógica do capital.

Ainda que não existam impedimentos jurídicos e/ou políticos que as impeçam de

ocupar profissões predominantemente masculinas, as mulheres são levadas pelas condições sociais e econômicas a ocuparem postos considerados mais condizentes com a posição que ocupa na família e na sociedade. (BORDIGNON, 2017, p. 07)

Assim, considerando que diante de um mercado capitalista as mulheres passaram a ocupar cargos sem muita importância, é possível destacar que a produção artesanal exercida pelas mulheres se trata da realização de trabalhos que foram e ainda continua sendo apartado dos espaços públicos e desconsiderados pelo sistema capitalista.

De acordo com Ramos et al. (2008), o trabalho artesanal se desenvolve por diversas regiões brasileiras sendo produzidas com base em experiências e saberes hierárquicos. Neste sentido, o estado de Sergipe não foge de tal contexto, haja vista que a produção de artesanato no estado tem se tornado um elemento importante no desenvolvimento da economia (SANTOS; BEZERRA, 2014).

Para tanto, considerando as particularidades de uma região, analisando o supradito contexto, a presente pesquisa busca realizar uma análise acerca dos desafios enfrentados pelas trabalhadoras da olaria artesanal de Pau D'Onça, a qual se localiza no município de Itabaianinha-SE. Pois tendo em vista o presente cenário mundial, fica claro que com o advento do desenvolvimento técnico-científico, a produção artesanal bem como as mulheres tem enfrentado um grande desafio para adentrar e manter-se no mercado.

Método e metodologia

Compreendendo que o método é uma das etapas importantes na realização de uma pesquisa, nesta foi utilizado o método de análise de Libault (1971 *apud* Ross 2012, p.34-35), sobre o qual o autor diz que uma pesquisa de cunho geográfico poder ser desenvolvida por meio de quatro etapas: compilatória, correlativa, semântica e normativa.

A primeira (compilatória) etapa transcorreu por meio da compilação de dados, ou seja, foi realizada a visita in loco com o intuito de coletar informações bem como registrar fotos. Além disso, também foram realizadas leituras bibliográficas que auxiliassem na compreensão dos problemas apresentados.

Na etapa posterior (correlativa) ocorreu a correlação dos dados obtidos com as leituras prévias adquiridas, visto que a realização desta etapa é imprescindível no desenvolvimento do próximo nível (semântico). Assim, a terceira etapa adveio por meio de análises dos dados obtidos nos níveis anteriores.

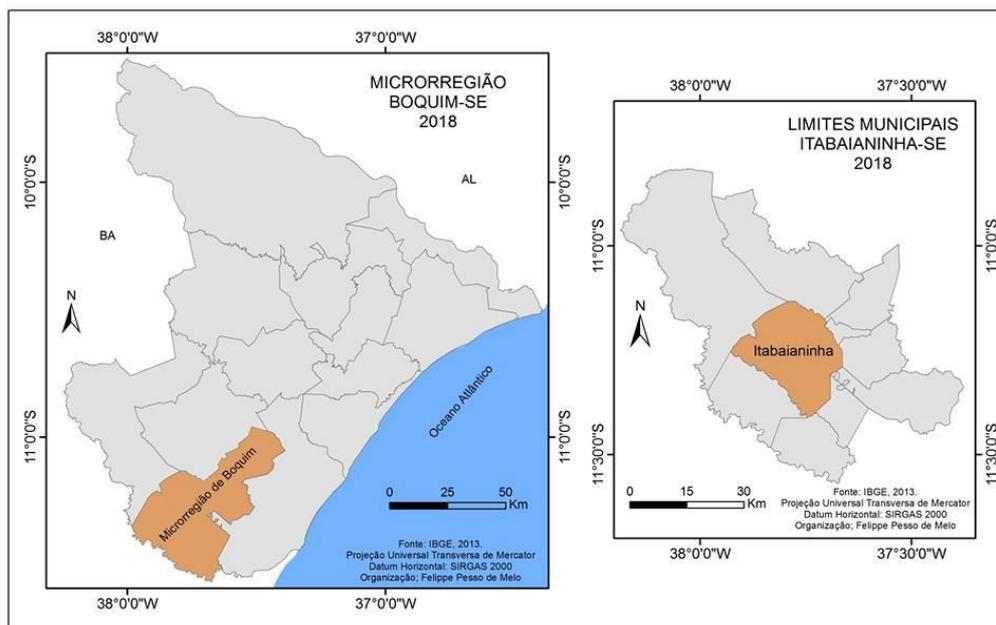
A quarta e última etapa (normativa) sucedeu-se através da compreensão dos desafios encontrados pelas trabalhadoras da olaria artesanal de Pau D'Onça.

Resultados e discussões.

Conforme citado anteriormente, a olaria de Pau D’Onça localizado no município de Itabaianinha-SE é o objeto de estudo da presente pesquisa. A cidade em questão possui aproximadamente 40,821 habitantes e conforme mostra a imagem (01), está se encontra na microrregião de Boquim e possui uma área de aproximadamente 496,3 km² fazendo divisa com os seguintes municípios sergipanos: Cristinápolis, Tomar do Geru, Tobias Barreto, Riachão do Dantas, Boquim, Pedrinhas, Arauá, Santa Luzia do Itanhy e Umbaúba (SANTOS; MELO, 2017).

O presente município é rico em solo argiloso vermelho e cinzento, os quais são utilizados nas indústrias de cerâmicas, um dos principais sustentos econômicos sendo fornecedoras de aproximadamente 500 empregos diretos e indiretos que atendem boa parte da população (SANTOS; MELO, 2017).

Figura 01: Localização da área de estudo.



Fonte: MELO, 2017.

Para além disso, cabe destacar que o extrativismo mineral é realizado não apenas pelas indústrias ceramistas, mas também pelas olarias artesanais do município. Assim, considerando que em Itabaianinha existe mais de uma olaria a pesquisa que visa analisar os desafios enfrentados pelas trabalhadoras transcorreu por meio de análises realizada especificamente na olaria do povoado Pau D’Onça.

No supradito povoado se encontra uma pequena população predominantemente desprovida de bens econômicos, desta forma, analisando que as olarias artesanais bem como as indústrias ceramistas são algumas das poucas opções de trabalhos, a população fica subordinada a exercer suas atividades conforme as condições de trabalho fornecida por estes campos.

De acordo com Silva (2014), desde a pré-história, quando os seres humanos criaram e produziram suas primeiras ferramentas de pedra, passando pelas sociedades da antiguidade e pela Idade Média até o século XVIII, a produção artesanal dominava o mundo. Contudo, após a implantação do sistema capitalista inserida pela Revolução Industrial que passou a valorizar a produção em massa propiciada pelas maquinarias, a produção artesanal apresentou forte regressão.

O artesanato tem sua origem ligada à história da humanidade. Os primeiros objetos artesanais datam do período neolítico (cerca de 6.000 a.C.), época em que os homens começavam a dar formas a matérias primas para satisfazer suas necessidades cotidianas, tecendo fibras de origem animal e vegetal, polindo pedras e fabricando objetos de cerâmica, por exemplo. No Brasil, o artesanato surgiu nessa mesma época dentro das diversas tribos indígenas que faziam parte de nosso território. Cocares, cestas, cerâmicas e tangas são apenas alguns exemplares desse tipo de trabalho manual que, com a Revolução Industrial no século XVIII, acabou cedendo espaço no dia-a-dia das famílias aos produtos industrializados fabricados em série. (COSTA, 2012, p. 07)

Assim, é possível dizer que o processo de produção artesanal passa por uma dupla exclusão, haja vista que por um lado, a mesma não se adequa a produção industrial em massa devido a sua característica de trabalho manual e criativo e, por outro lado, a mesma foi historicamente quase que exclusivamente produzido por mulheres, forma de mantê-las atreladas ao lar (SILVA, 2014).

Apesar da atuação feminina no mercado de trabalho ter apresentado crescimento após as guerras mundiais e o surgimento do sistema capitalista devido as necessidades e demandas do mercado, não significa dizer que as mesmas conseguiram atingir a equidade social, haja vista que a discriminação, a segregação ocupacional, dentre outros ainda continuam a persistir no meio social contribuindo para uma maior invisibilização da competência feminina (RAMOS, 2014).

Neste sentido, é possível dizer que o desenvolvimento do trabalho exercido na olaria artesanal de Pau D'Onça passa por grandes desafios, uma vez que a produção artesanal se refere a realização de trabalhos que felizmente ou infelizmente historicamente passou a ser desconsiderada pela lógica do capital.

Conforme dados coletados in loco, na referida olaria a produção de tijolos e lajotas são realizados por meio de técnicas rudimentares, ou seja, todo o trabalho se desenvolve de forma manual e com ajuda de simples instrumentos. A extração de argila bem como de madeira (lenha) é feita de forma manual e transportada em uma carroça conforme mostra o mosaico (01/figura A-B, C-D).



Mosaico (01/figura A, B, C e D). Extração, transporte e deposição de argila e madeira na olaria artesanal de Pau D'Onça.

O trabalho na supracitada olaria era desenvolvido por cerca de vinte funcionários, sendo quatorze homens e seis mulheres, porém compreendendo a pouca demanda de vendas bem como as precariedades fornecidas pelo local de trabalho, quase que todos os funcionários deixaram de exercer suas atividades na mesma.

Atualmente trabalha apenas uma mulher e um rapaz cujo é seu filho, além de carroceiros que fazem apenas o transporte das matérias-primas. A referida mulher trabalha neste local desde os seus nove anos de idade, presentemente a mesma tem cinquenta e dois, isso quer dizer que esta trabalha no ramo artesanal há quarenta e três anos.

Segundo Ramos (2014), quando se trata do meio rural os desafios enfrentados pelas mulheres tendem a ampliar devido à baixa escolaridade, visto que sem um bom desenvolvimento educacional estas não conseguem boas oportunidades de trabalho e ficam à

mercê de trabalhos sub-humanos.

Cabe destacar que no local de pesquisa tal explanação não se apresenta de forma diferente, uma vez que os trabalhadores não chegaram a ter acesso a políticas públicas que lhes conferissem um bom nível de escolaridade, sendo esse um dos motivos que os levou a trabalhar na produção de cerâmicas e conseqüentemente a exercer suas atividades na olaria.

De acordo com Ramos et al. (2008), o trabalho com cerâmica se expande por diversas regiões brasileiras e são muitas vezes produzidos com base na experiência dos saberes que são passados de geração para geração através da prática e vivência cotidiana, ou seja, sem conhecimentos científicos. Portanto, pode-se compreender “que essa realidade histórica manteve o artesanato ‘vivo’, pois são conhecimentos que resultam de aprendizagens, em grande medida familiares”. (SILVA, 2014, p. 07)

Tendo como base tal contexto bem como as análises feitas na olaria de Pau D’Onça, é possível dizer que mesmo que em menor proporção comparada com os ensinamentos antigos, a produção artesanal ainda se desenvolve de forma hierarquizada, visto que os trabalhadores da presente olaria aprenderam a produzir cerâmicas por meio de seus familiares, os quais ensinavam com base em saberes sem qualquer tipo de apontamento sistemático.

Para tanto, conforme citado acima, esse conhecimento que é passando de geração para geração tem diminuído bastante no mercado, haja vista que as mães bem como os pais não desejam que seus filhos passem pelas mesmas dificuldades trabalhistas que eles passaram ou ainda passam.

Com a ajuda de seu filho a trabalhadora do local de pesquisa produz lajotas e tijolos que são distribuídos no próprio município. Cabe salientar que a distribuição não atende outros municípios devido a sua baixa produção, se comparada as indústrias ceramistas.

Na olaria de Pau D’Onça são produzidas cerca de cinco mil peças semanais, sendo que todo o trabalho é realizado pela mulher e seu filho. Ambos chegam no local as cinco da manhã e saem as quatro e meia da tarde.

A atividade transcorre da seguinte forma: eles extraem a argila e põem a mesma em uma carroça que transportará a matéria-prima até a olaria, posteriormente ocorre a preparação da mesma que será posta em um molde, sendo depois retirada e colocada para escoar conforme mostra o mosaico (02/imagem A, B, C e D) indo em seguida para o forno.



Mosaico (02/figura A, B, C e D). Processo de produção.

Tendo em vista a desvalorização da referida produção, além de exercer suas atividades de forma precária cabe destacar que a trabalhadora vende sua força de trabalho por menos de um salário mínimo, visto que a sua produção semanal é de cinco mil peças sendo que ela recebe trinta reais para cada mil peças produzidas, ou seja, sua renda mensal é de apenas seiscentos reais. Assim, fica claro que a desvalorização da produção artesanal juntamente com a discriminação do trabalho feminino tem se tornado um grande desafio no processo de inclusão da mulher no mercado, visto que por muito tempo a produção artesanal foi e continua sendo desenvolvida predominantemente por ela.

Conclusão

Analisando as explicações anteriormente citadas é possível enfatizar que há muito tempo as mulheres vêm enfrentando preconceitos e discriminação principalmente quando se trata de sua inserção do mercado de trabalho. Além disso, compreendendo que o artesanato foi quase que exclusivamente produzido por estas, é possível destacar que os desafios se tornam ampliados, uma vez que além do trabalho feminino ser discriminado por grande parte da sociedade, com o advento do sistema capitalista o artesanato tem perdido bastante espaço dentro no mercado.

Destarte, se tratando da olaria artesanal de Pau D'Onça, é plausível dizer que devido localizar-se na zona rural e mais especificamente em um local onde não se tem muitas oportunidades de emprego, as dificuldades se apresentam ainda mais de forma incisiva, haja vista que os indivíduos ficam subordinadas a aceitarem as condições precárias bem como o pouco salário que lhes é fornecido.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a Deus pelo dom da sabedoria e posteriormente ao Centro Universitário AGES pelas contribuições que muito corroborou para o nosso desenvolvimento enquanto graduandas de Licenciatura em Geografia. Em especial agradecemos ao professor Felipe Pessoa de Melo pelas orientações, o qual foi indispensável na concretização da pesquisa.

Referências

BORDIGNON, L. Relações entre gênero, classe e trabalho no programa mulheres mil. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11., 2017, Florianópolis, **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br>. Acesso em: 03 mar. 2018.

COSTA, L. M. A. O artesanato como forma de manifestação cultural e complementação de renda: um estudo de caso da Associação Comunitária do Bairro do Lambari. **USP**, 2012. Disponível em: <www.usp.br/celacc/?q=celacc-tcc/437>. Acesso em: 15 fev. 2018.

RAMOS, C. P. Mulheres rurais atuando no fortalecimento da agricultura familiar local. **Revista Gênero**, Araçuaí/MG, v.15, n.1, p. 29-46, 2014. Disponível em: <www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero>. Acesso em: 01 mar. 2018.

RAMOS, I. S.; ALEXANDRE, J.; ALVES, M. G.; VOGEL, V.; GANTO; M. A indústria cerâmica vermelha de Campos dos Goitacazes e a inclusão social das artesãs da baixada campista através do projeto Caminhos de Barro. **SCIELO**, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid>. Acesso em: 03 mar. 2018.

ROSS, J. L. S. **Geomorfologia: Ambiente e Planejamento**. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, M. A. Abordagem sobre gênero e trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. In: X ANPED Sul, 10., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UDESC, 2014. Disponível em: <xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SANTOS, J. V. S.; BEZERRA, R. F. Atuação do PROMOART em terras sergipanas: polos Divina Pastora e Poço Redondo. **UFS**, 2014. Disponível em: <[hhttp://ser.ufs.br](http://ser.ufs.br)>. Acesso em: 25 fev. 2018.

SANTOS, G. L.; MELO, F. P. Atividades antropogênicas em Itabaianinha-SE e seus reflexos na degradação do solo. **Revista Saberes UniAGES**, Paripiranga/BA, v. 1, n. 5, p. 2-9, jan./abr;2017. Disponível em: <npu.faculdadeages.com.br/index.php/revistasaberes>. Acesso em: 03 mar. 2018.